

AS CASAS DO COMENDADOR ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Ana Pessoa

*O lar era a quintessência do mundo burguês, pois nele, e apenas nele, podiam os problemas e contradições daquela sociedade serem esquecidos e artificialmente eliminados. Ali, e somente ali, os burgueses e mais ainda os pequenos burgueses podiam manter a ilusão de uma alegria harmoniosa e hierárquica, cercada pelos objetos materiais que a demonstravam e faziam-na possível (...)*¹



Fig. 1 – A casa, na década 1920, ocupada por Rui Barbosa mas mantendo a feição da reforma do comendador.

Este artigo² observa as transformações ocorridas nos aspectos arquitetônicos e decorativos dos modos de morar, segundo produtos e modelos em circulação entre a Portugal e o Brasil, entre meados do século XIX e início do XX, momento em que a moradia já havia se consolidado não só como expressão de representação do estatuto social e

¹ HOBBSAWN, Eric J. *A era do capital 1848-1875*, 3.^a edição, 1977, p. 237-239.

² Esse artigo é resultado do projeto de pos doutoramento realizado junto à Escola das Artes, na Universidade Católica do Porto, 2015-2016.

de enriquecimento material, como se estabelecido como a expressão da privacidade e o espaço da afetividade familiar, o lar.

Como referência dessas mudanças toma-se a trajetória de Albino de Oliveira Guimarães, um “brasileiro” torna-viagem, comerciante que atuou entre o concelho de Fafe, na região do Minho e o Rio de Janeiro. Ele se destaca dentre tantos outros imigrantes portugueses por ter sido proprietário, de 1879 a 1890, de uma chácara em Botafogo, onde promoveu profundas reformas estéticas e estruturais, que lhe deram a feição sob a qual foi tombada, já como Museu Casa de Rui Barbosa,³ como patrimônio nacional em 1938.

Filho de José e Maria Joaquina, remediados proprietários rurais, Albino nasceu a 4 de setembro de 1833, na freguesia de Santa Eulália de Fafe, no concelho de Montelongo, norte de Portugal. O concelho era formado por 11 freguesias espalhadas entre seus vales e campos, constituídas por esparsos agrupamentos de rústicas casas de pedra, e propriedades rurais marcadas por solares brasonados. A população dedicava-se à produção de cereais, vinha, hortícolas, frutas e castanha; criava animais de pequeno porte e realizava trabalhos com linho, lã, olaria, ferro e madeiras.

A partir de 1834, com a ascensão do Liberalismo, Montelongo se expandiu e se consolidou, tendo a vila de Fafe como sede. A vila era situada na antiga Estrada Real que ligava o Minho a Trás-os-Montes e gradualmente se impôs como o grande centro das trocas mercantis de todo o concelho.⁴ Em 1840, Fafe passa a ser controlada por posturas para o seu aformoseamento e renovação de sua feição urbana. Esse movimento que se estenderia ao longo da segunda metade do século XIX – com a abertura de ruas e praças, e o surgimento de novas edificações, em grande parte, motivado pela ação dos “brasileiros de torna-viagem”.⁵

³ Essa propriedade, situada na rua São Clemente, que hoje abriga a Fundação Casa de Rui Barbosa, foi ocupada por Rui Barbosa de 1893 a 1923, e preserva o aspecto adquirido pelas reformas de Albino.

⁴ A vila adquire “pouco e pouco autonomia das antigas feiras de Guimarães e Lixa: os grandes mercados tradicionais do milho, do linho e do gado de toda a região”. ESTEVÃO, João Antunes. Guerrilha na Serra da Lameira e Guerrilha de Fafe, 1844-1846. Por uma antropologia da violência rural. *Actas das Segundas Jornadas de História Local*. 99–352, p. 164.

⁵ A planta da vila, mandada executar em 1866, registra a iniciativa de um ordenamento urbano que definisse o alinhamento e alargamento de ruas e praças, inclusive com a demolição de antigas construções, além de apontar para futuras intervenções, como a construção do Hospital da Misericórdia e o Jardim Público.

“Brasileiro de torna-viagem” era a designação dada aos emigrantes que retornavam enriquecidos do Brasil, fenômeno que ocorreu em vários concelhos do Norte de Portugal. No retorno, aplicavam seu capital social e financeiro atuando na política e no desenvolvimento econômico e social, quando não faltam ações de filantropia. Eles também se dedicavam a reformar quintas e a construir casas com marcas distintivas de seu sucesso, e expressão de suas individualidades.

Seguindo o trajeto de milhares de outros emigrantes de Fafe,⁶ Albino partiu para o Rio de Janeiro em julho de 1847, antes de completar 14 anos, acompanhando seu tio Joaquim Silva, mulher e dois filhos menores.

No Rio de Janeiro, os emigrantes encontravam apoio de uma sólida colônia portuguesa, que se espalhava por toda a escala social, com forte representação econômica, política e social. Lá, os mais jovens completavam sua formação no exercício profissional, em geral, no comércio, morando no estabelecimento, em condições precárias, sob o controle disciplinar do patrão. À medida que ascendiam socialmente, eles procuravam absorver os ditames burgueses do bom gosto, adotando os novos hábitos sociais nos divertimentos, no vestir, e na forma de morar. Ao retornar, buscavam trazer para sua terra as marcas e os modos adquiridos em sua trajetória de sucesso.

Com Albino não foi diferente. Ele tornou-se caixeiro na casa comercial de conterrâneo dedicado ao ramo de fazendas secas por atacado e comissões, Antônio Mendes de Oliveira Castro (1811–1859), casado com D. Castorina, (1814–1880), com quem tinha cinco filhos.⁷ Ao longo dos anos, Albino ascendeu na companhia, tornando-se pessoa de confiança de D. Castorina, a quem apoiou na gerência quando Antônio foi acometido de doença mental. Em 1858, Albino casou-se, aos 25 anos, com a segunda filha dos Oliveira Castro, Luísa (1840–1937), então com 18 anos.

Os Oliveira Castro detinham boa posição social e econômica em meio à colônia; estavam instalados, com negócio e moradia, em sobrado no centro da cidade, na rua das Violas 5, e integravam a prestigiosa Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Desde 1843, a família usufruía também de uma grande chácara no vale do Macaco, nas cercanias do Jardim Botânico, em terras da Fazenda Nacional,⁸

⁶ Entre 1836 e 1885, a corte do Brasil recebeu cerca de 1.074 pessoas dos 1.367 habitantes do concelho que emigraram para o Brasil.

⁷ Firmina (1838–1881), Luíza (1840–1937), Antônio (1841–1905), José (1842–1896) e Castorina (1845–1878).

⁸ A propriedade teve início em 1843, quando Antônio arrematou o terreno 16, voltado para a rua da Floresta, nos anos seguintes, ele incorporaria ao lote inicial, por meio de compras e trocas, os terrenos 147 e 148. Livro de inscrição dos terrenos nacionais da Fazenda da Lagoa de Freitas, arruados desde 1732, tempo do seu primeiro possuidor até 18 de junho

tendo como vizinha a fazenda do Macaco, de Padre Domingos Silva Porto. As chácaras da região eram constituídas por casas com vários e amplos cômodos, cercadas de árvores frutíferas e horta, abastecidas por nascentes, com cocheiras e pastos para cavalos, além de instalações para capataz e escravos voltados para a exploração agrícola.

A chácara foi a morada inicial do jovem casal Albino e Luiza, que logo em meados do ano seguinte ao casamento, a 16 de julho de 1859, teria o primeiro de seus oito filhos,⁹ Antônio, que recebeu o nome do avô, que morreria pouco depois, a 27 de novembro daquele ano.

A partir da segunda metade do século XIX, com o aumento do fluxo da emigração portuguesa,¹⁰ a colônia deu início à constituição de sociedades filantrópicas e associações beneficentes que, sob a direção de suas elites comerciais e financeiras, que atuavam não só no Brasil mas também em Portugal, e de que somariam a 23 entidades no final do século XIX.¹¹

Albino rapidamente se firma como negociante na corte. Já no ano de seu casamento, ele abriu seu próprio negócio de secos e molhados, no bairro da Saúde, e, em pouco tempo, se estabeleceu como negociante de importação e exportação na rua do Rosário, tendo se transferido, em 1861, para a prestigiada rua Direita.

Nesse momento, ele já integrava, como segundo secretário, a comissão que a comunidade fafense, sob o espírito do associativismo e da benemerência havia constituído, em 1858, por iniciativa do comerciante José Florêncio Soares,¹² para arrecadação de fundos para construção

de 1808, em que passou para os Próprios Nacionais, e d'essa época em diante até 3 de janeiro de 1832, em que foi extinta Fabrica da Pólvora, a cujo cargo estava a sua inspecção. S/d, Secretaria do Patrimônio da União.

⁹ Antônio (1859-1925), Castorina (1862-1929), Albino (1863-1937), José (1866-1911), Luísa (1868-1890), Maria (1870-1903), Firmina (1875-1905) e Álvaro (1876-1878).

¹⁰ De 270 mil habitantes, em 1852, o Rio de Janeiro atingiria, em 1889, meio milhão, dos quais 155 mil estrangeiros e, destes, 106 mil eram portugueses. Em sua maioria, eram engajados que vinham atrás da "miragem brasileira", como braços para o campo e serviços urbanos que trabalhavam em regime de quase escravidão, em condições insalubres em troca de baixos salários; debilitados, se tornam vítimas fáceis das mazelas tropicais, em especial da febre amarela. O aumento da população emigrante portuguesa e a disputa pelos postos de serviços reacenderam o sentimento antilusitano que havia se seguido à Independência, ao mesmo tempo em que fortaleceram as iniciativas de proteção da colônia portuguesa.

¹¹ Dessas se destacavam o Gabinete Português de Leitura, fundado em 1837, e a Sociedade Portuguesa de Beneficência, criada em 1840, que construiu, em 1858, o Hospital São João de Deus.

¹² José Florêncio Soares (1824-1900) era filho do médico Miguel Antônio Soares, membro do Senado da Câmara de Montelongó durante as décadas de 1820 e 1830, e Maria Joaquina Gonçalves, José Florêncio teve um único filho de seu casamento com Maria Tereza da

de hospital na terra natal, sob a presidência do comendador António Gonçalves Guimarães, banqueiro e empresário.¹³

Em 1861, Albino faz sua primeira visita a Portugal, após 14 anos de ausência, quando une lazer à retomada dos assuntos familiares.



Fig. 2 – A comissão de subscritores fundadores do Hospital, com o comendador Guimarães em pé, e Albino na extrema esquerda, e o incentivador José Florêncio ao seu lado.

Ele acompanha dois conterrâneos, sendo que um deles, Francisco Leite Lage, retornava definitivamente à Fafe, após 34 anos de Brasil. O grupo aproveita para, no percurso entre Lisboa e Fafe, conhecer lugares emblemáticos da cultura nacional, como os mosteiros de Alcobaça e da Batalha, e a Quinta das Lágrimas, em Coimbra, bem ao espírito do

Costa, José Florêncio Soares Junior, nascido no Rio de Janeiro. Ele emigrara em 1838, com 13 anos, como caixeiro, tendo como destino Rua do Hospício 20. Em 1849, ele já consta com *Almanak Laemmert*, na seção de “Armazéns de fazendas por atacado”, situado na Rua Direita 119, endereço que manteria até 1858, quando anuncia liquidação do negócio, ele foi morador de sobrado no aprazível Largo do Boticário, muito bem decorado e equipado, com móveis de mogno e de jacarandá, cristais, casquinhas, porcelanas, piano inglês, prata em obra, trem de cozinha e lindos cavalos, conforme anúncio de leilão que promoveu quando que retornou a Fafe em abril de 1858. JORNAL DO COMMERCIO 25 mar. 1858.

¹³ O grupo seria eternizado em quadro a óleo de grandes dimensões, realizado por Abel Cardoso em 1901, hoje a Santa Casa da Misericórdia de Fafe. (fig. 2). A cena retrata os cinco membros da comissão, em trajas solenes, sentados em volta de uma mesa coberta por tecido, tendo em mãos duas pranchas do projeto do hospital. Ao fundo, através da janela, se vê a fachada do hospital da Sociedade Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro, projetada pelo arquiteto Luiz Hosxe e inaugurada em 1859, que serviria de modelo para o hospital de Fafe.

nacionalismo romântico em voga.¹⁴ Chegando ao concelho, Leite Lage seguiu para a Casa da Lage, na freguesia de Cepães, onde, segundo comportamento comum aos “torna-viagem”, dá início às obras de melhorias e ampliação de sua propriedade familiar, enquanto realiza outras viagens e passeios.¹⁵

Albino segue para a vila de Fafe, e se hospeda no largo sobrado materno, situado na avenida principal, com cinco vãos no térreo, possivelmente destinados a lojas e quartos para armazenamento de produtos agrícolas, e cinco janelas no segundo pavimento, onde residia a família. O edifício tinha vasto terreno aos fundos, que deveria ser ocupado com horta, banheiro, tanque e varal.

Nessa estada, Albino pode conhecer as alterações da paisagem urbana que vinham sendo promovidas pelas edificações erguidas pelos “brasileiros” em Fafe. Em terreno vizinho aos Oliveira Guimarães, o “brasileiro” Fortunato José de Oliveira¹⁶ mandara construir dois novos e vistosos sobrados, com fachadas azulejadas e lojas no terreno, um já inaugurado em 1860, e o outro, em construção. O primeiro edifício se distribuía em quatro pavimentos¹⁷, com o 2º andar voltado à sociabilidade, com amplo salão interligado, por arco, com o sobrado vizinho, sugerindo que as construções tenham sido erguidas como

¹⁴ Eles visitam o Mosteiro de Alcobaça, a pá de ferro da padeira de Brites de Almeida, em Aljubarrota, o Mosteiro da Batalha, e Coimbra, onde visitam a Universidade, o Observatório, as livrarias, a Quinta das Lágrimas e o Jardim Botânico. MONTEIRO, Miguel. Representações materiais do “Brasileiro” e construção simbólica do retorno. In *Turbulência cultural em cenários de transição: o século XIX ibero-americano*. Org. Neide Marcondes Martins, Manoel Lelo Bellotto. São Paulo, Edusp, 2005, pp. 165-190.

¹⁵ Relato autobiográfico de Francisco Leite Lage, manuscrito. Arquivo da Misericórdia de Fafe. Apud MONTEIRO, Miguel. Representação materiais dos “brasileiros” e construção simbólica do retorno. p. 117 *Camões- Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, número 11, dezembro de 2000.

¹⁶ Seguiu para o Brasil em 1826, aos onze anos, onde permaneceu até 1849. No Rio de Janeiro, foi comerciante no ramo de armarinho e loja de miudezas, com a empresa Fortunato José de Oliveira e Irmão estabelecida na Rua das Violas 31 (ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL 1848, p. 399). Foi um dos primeiros contribuintes para a construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Fafe, aprovada pela Comissão do Hospital da Caridade da vila de Fafe; e ocupou vários postos na Mesas Administrativas da Santa Casa da Misericórdia de Fafe, como fiscal, mesário, mordomo e provedor, na gestão 1990 a 1991, e fez doação, em 1895, de 1.000.000 reis.

¹⁷ O sobrado dispunha, no térreo, de vestíbulo de acesso à escada que leva aos pisos superiores e, aos fundos, de quartos para mantimentos e pátio de serviços; no 2º andar, a área social comportava amplo salão, que ocupava toda a fachada frontal, sala de apoio, cozinha, sala de estar e varanda; no 3º andar, os ambientes íntimos contavam com salas e quartos e varanda externa, que se comunicava com o pátio no térreo; no último piso, os quartos de arrumos.

propósito de promover festas e reuniões, além de abrigar a parentela consanguínea, já que Fortunato não teve filhos.

Nas proximidades da Câmara, na esquina do Largo Municipal com a rua Nova, o “brasileiro” José Antônio Martins Guimarães¹⁸ já construía, em 1858, um sobrado com fachada principal decorada em estilo neoclássico, com ornamento de pilastras jônicas, vãos regularmente distribuídos e remate da janela central com frontão triangular, com pátio aos fundos e jardim lateral. No primeiro térreo, o vão de acesso é ladeado de cômodos que podiam servir a lojas como a escritórios, tendo aos fundos, voltados para o pátio, quartos e varanda de serviço; no piso superior, cômodos de convívio social e íntimo.

Também o amigo de Albino, o incentivador da subscrição para o hospital, José Florêncio Soares, estava às voltas com a construção de sua nova casa. Ele retornara definitivamente à Fafe em 1859, trazendo esposa e filho, polpudas economias¹⁹ e ambições políticas e empresariais. Logo na chegada, dera início à construção de uma casa apalaçada, de dois andares, em meio a jardim, com gruta e cascata, segundo os padrões de conforto e elegância que vivenciara no Rio de Janeiro, e usuais no Porto e em Lisboa. A obra enfrentou embargos e atrasos, mas a casa foi finalmente inaugurada em 1863, e passou a ser considerada uma das mais lindas da vila. Nela foi realizada a sessão de gala da inauguração da primeira enfermaria do Hospital da Misericórdia, que contou com o governador civil de Braga e do comendador Antônio Gonçalves Guimarães, com baile assistido por mais de duzentas pessoas, em “magnífico salão” que estava “abrilhantado” com uma harpa e um piano.²⁰

De volta ao Rio, Albino para reassumir seus negócios de importação e exportação, e assiste aos casamentos dos cunhados, que já se destacavam no meio comercial e social do Rio de Janeiro. José de Oliveira Castro se casa, em 1863, com Carlota Deolinda de Carvalho Ribeiro,

¹⁸ José Antônio Martins Guimaraes (1829 – 1911) foi casado com Maria das Dores Monteiro Vieira de Castro, trabalhou no Rio de Janeiro, onde possuiu uma ferraria (CORREIO MERCANTIL 14 out 1849), e, a partir de 1852, um armarinho, à rua da Quitanda, 150, em nome da empresa José Antônio Martins Guimarães & C. (ALMANAK 1852, p. 462), para o qual obteria, em 1860, a prestigiosa matrícula do Tribunal do Comercio para o seu comercio de objetos de arminho por atacado e retalho (CORREIO MERCANTIL, 17 fev. 1860).

¹⁹ No retorno, ele se destacou como o segundo maior contribuinte da vila, com 27\$619 reis de décima. SILVA, Luís Gonzaga Ribeiro Pereira. *Fafenses nascidos no sec. XIX Perspectiva Histórico-Biográfica*, 2.^a ed. Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 2010, p. 28.

²⁰ “COMMUNICADO”, *O Progresso*, n.º 24, p. 4 apud BASTOS, Daniel. *Santa Casa da Misericórdia de Fafe – 150 anos ao Serviço da Comunidade*. Fafe: Santa Casa da Misericórdia de Fafe, 2012. p. 56.

rica herdeira e enteada de sua irmã, e Antônio de Oliveira Castro, em 1865, com Maria Martins, de família tradicional.

Como membro atuante da comunidade de Fafe no Rio de Janeiro, Albino participou da entusiasmada recepção promovida, em 1865, ao político conterrâneo José Cardoso Vieira de Castro, de prestigiosa família do concelho. A viagem foi precedida por carta pública de felicitação, subscrita por 20 “conterrâneos exilados”, exaltando suas qualidades de orador. O jovem político foi recepcionado com uma festiva agenda de tertúlias, palestras e conferências, que culminou com audiência com o imperador D. Pedro II, e que compreendeu a oferta, pela colônia, de uma coroa de ouro, no valor de quatro contos de réis. No início de 1867, depois de mais um ano de permanência na corte, quando se consolidou uma boa amizade entre José Cardoso e Albino, o político retornaria a Portugal casado com a jovem Claudine, filha do comendador Antônio Gonçalves Guimarães, aliança que teria um trágico desfecho.²¹



Fig. 3 – Cartão postal Fafe no início do sex XX. A casa materna de Albino ao fundo, ladeada pelos sobrados de Fortunato Jose de Oliveira, sendo as edificações mais altas.

Ainda naquela década, Albino retorna à Fafe que fora duramente atingida, em 1867, por longa seca e vivia um dos piores anos agrícolas do século. Dessa vez, ele segue com a família, e é provável que nessa

²¹ Em 1870, Vieira de Castro mataria Claudine por ciúmes e, como punição, seria enviado em degredo para Angola, onde morreu em 1872, aos 36 anos de idade, vítima de febre fulminante. Sobre Vieira de Castro, ver VALENTE, Vasco Pulido. *Glória* – Biografia de J. C. Vieira de Castro. Lisboa, Gótica, 2001.

ocasião tenha erguido o terceiro pavimento da casa materna – um corpo central, com três janelas e balcão, para acomodar esposa e filhos, e lá receber seu quinto filho, Luíza, que nasceria em 1868.

Por essa ocasião, estava sendo concluída uma das mais emblemáticas casas da vila. José de Leite Pinto de Saldanha e Castro, da tradicional família do solar Casa do Santo Velho, mandara erguer para abrigar sua extensa prole de 19 filhos, em terreno central da vila, um sobrado de linhas horizontais, quebrado por corpo central vertical, encimado por frontão, e forrado de azulejos de padrão floral, denominado Casa do Santo Novo.²²



Fig. 4 – A Casa do Santo Novo, hoje Casa da Cultura.

Nos quase dois anos de estada, Albino pode acompanhar as transformações que ocorriam no Porto, o principal centro econômico e social

²² Originalmente o palácio era ladeada por dois corpos retangulares, formando um U em torno de terreiro fronteiro, dos quais não resta nenhum. Interior organizado em torno da monumental escadaria central, iluminada por clarabóia com janelas interiores e decoração de estuque. O acesso a esta é feito por amplo vestíbulo de recepção. Piso térreo atualmente bastante modificado, originalmente com espaços de serviço e lojas. Segundo piso com salas, quartos e espaços de serviço. Terceiro piso com salões, teatro e quartos e pequena capela. Último piso com duas salas e espaços de serviço. A cozinha situava-se no corpo E., que formava um dos braços do U, já demolido, com ligação interior. Possui escadas de serviço, portas ornamentadas e tetos em estuque ricamente trabalhados com decoração exuberante de motivos fitomórficos, nomeadamente na sala de jantar com frutos tropicais. Casa do Santo Novo/Casa da Cultura. Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico (SIPA). Disponível em http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=20948 Acesso em 12.12.2016.

do Norte de Portugal, que oferecia um vivo ambiente político, com forte influência no poder central, e rico cenário cultural, ostentando três museus, bibliotecas e academias de belas artes e de música.

Nessa década, a cidade, que se aproximava dos seus 100 mil habitantes, vivia a alteração de sua feição tradicional com a abertura de novas ruas e o surgimento de novas construções, que atendiam a diversos gostos e estilos. Nesse processo, os tradicionais estilos “Adams” e rococó se misturavam às inovações dos revivalismos historicistas, à moda francesa e inglesa, como do estilo português, o neomanuelino. E, já a partir de 1865, inaugurou-se o uso de estruturas emblemáticas de ferro de vidro, com a estrutura central do Palácio de Cristal, trazida da Inglaterra; estes materiais se consagrariam na ligação ferroviária sobre o Douro, a Ponte D. Maria I, em 1877, e seriam coroados na extensa estrutura metálica do vão do Palácio da Bolsa, em 1882.²³

Também os jardins da cidade seguiam novas modas, com a divulgação da horticultura e da botânica, promoção de exposições e concursos e a disseminação dos jardins particulares. Adotavam-se as curvas sinuosas preconizadas pelo *pitoresco*, assim como a moda do *gardenesco*, que preconizava o uso de elementos como caramanchões, tanques, estufas e gaiolas para aves, além do destaque de árvores e flores, em especial as camélias e as rosas, e de plantas raras.²⁴

Em 1869, Albino e a família retornam ao Rio, onde ele recebe a comenda portuguesa da Ordem da Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa por seus serviços prestados à comunidade portuguesa.²⁵ No início de 1870, ele muda o ramo de seus negócios, ainda que se mantenha sócio de comerciante conterrâneo: ele desfaz sociedade com João da Silva Cardoso no ramo de tecido por atacado e se associa a Joaquim Mendes da Costa Franco em empresa de materiais de construção Ferro e outros Metais, na rua da Candelária n.º 15, negócio que já pertencera ao irmão de seu sogro, Jose Luiz de Oliveira Castro.²⁶

Contudo, em maio de 1870, Albino seria colhido por um trágico episódio. O amigo José Cardoso Vieira de Castro assassinou, “em defesa

²³ O ferro e o vidro seriam também disseminados na cidade em estruturas corriqueiras, como claraboias, arremates de coberturas, estufas e jardins de inverno. Essa tendência ganharia novo alento com a chegada da Art Nouveau, com seus ornamentos sinuosos, e daria impulso à indústria de serralharia artística nos arredores da cidade. RAMOS, Luis A de Oliveira. *História do Porto*. Porto, Porto Editora, 2000, e anotações de Maria de São José Pinto Leite para sua tese de doutoramento, em preparação.

²⁴ ANDRESEN, Teresa e MARQUES, Teresa Portela. *Jardins Históricos do Porto*. Edições Inapa, 2001, p. 55.

²⁵ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 4 de novembro de 1869.

²⁶ JORNAL DO COMMERCIO, 1 fevereiro de 1863.

da honra”, sua jovem esposa, que o estaria traindo. O caso provocou calorosos debates nas páginas dos jornais. Albino solidarizou-se, desde os primeiros momentos, com o drama de José, que acabaria condenado, ainda naquele ano, ao desterro em Angola, onde morreria em 1872.²⁷

Nesse período, o Rio de Janeiro assiste a grandes transformações urbanas. Tem início a organização do sistema de abastecimento de água, para atender à zona sul da cidade, são criados o reservatório do rio Macaco e a rede para o fornecimento de água, até então atendida por chafarizes públicos e fontes e poços domésticos. A construção do reservatório no rio Macaco, além da ampliação das atividades do Jardim Botânico, com a instalação do Asilo Agrícola, implicou na desapropriação de terrenos das cercanias pertencentes à Fazenda Nacional, como o dos Oliveira Castro.²⁸



Fig. 5 – Casa da chácara D. Castorina.

A grande chácara da família possuía pomares, cafezal e bananal, construções arredadas a terceiros, e era cortada pelo rio Macaco e pelos córregos Caixa d'Água e Cachoeira, que foram requisitados para o serviço de abastecimento público. A frente da chácara era voltada para a estrada Azinha da Floresta, que viria a se chamar Estrada

²⁷ O apoio de Albino ao amigo gerou uma vasta correspondência, em parte citada em *Glória*. Nesse período, Vieira Castro, articulou, sem autorização, cessão de um título de barão para Albino, que o recusaria.

²⁸ A Secretaria de Inspecção de Obras Públicas convocara, em 29 de abril de 1871, os proprietários de terrenos e águas envolvidas no reservatório, como D. Castorina, para reunião para discussão das indenizações aprovadas por comissão. JORNAL DO COMMERCIO 2 maio 1871.

D. Castorina, que partia da Ponte de Madeira e, ladeando o Jardim Botânico, seguia para a Serra do Macaco. A casa, que abrigaria cerca de 60 pessoas,²⁹ era formada por três blocos: A área social estaria instalada em bloco retangular, cortado por pátio acessado por escadas, com um jardim em frente à fachada do lado direito; do lado esquerdo estava o bloco possivelmente destinado aos quartos e, na fachada posterior, o terceiro bloco, destinado aos serviços.

Após demorada negociação, somente em 1976 D. Castorina firmaria escritura pública desistido do arrendamento dos lotes 147 e 148, e de parte da chácara 16 da rua da Floresta reservando a si o terreno onde estava a casa, que colocaria para aluguel³⁰. Em discussão, esteve o valor da indenização pela perda de aluguéis de terrenos para uma fábrica de papel e para um comerciante, de enfeitórias, e a perda do uso irrestrito dos rios Macaco, Cachoeira e Caixa d'água. Como indenização, ela obteve 56.550 mil reis e o direito de uso chácara do Algodão, para a transferência das atividades agrícolas e de criação, mas com acesso à água restrito a duas penas d'aguas.³¹

Nesse meio tempo, a família busca de novos endereços e se instala na principal via da freguesia, a Rua São Clemente, já dotada dos novos serviços – água encanada, gás³² e transporte público, e onde estão sendo construídos, já sob a voga do ecletismo, os requintados solares e palacetes que lhe dariam feito aristocrático. Antigo arrabalde, Botafogo vinha atraindo novos moradores, em consequência da expansão da linha de bonde e o loteamento de antigas chácaras, que permitiu a abertura de novas ruas e oferta de lotes para construção de moradias.

²⁹ Utilizado como argumento para obtenção de mais penas d'água, esse número de habitantes teria sido o informado ao inspetor de quarteirão. Naquela época, D. Castorina morava com quatro filhos, seus cônjuges, e 14 netos, além de criados e escravos domésticos, certamente havia também, morando no terreno, o contingente envolvido nas atividades agrícolas. Proclamação apresentada por D. Castorina Angélica de Oliveira Castro. Arquivo da Diretoria do Patrimônio Nacional. Ministério da Fazenda Assunto Castorina Angélica de Oliveira Castro arm. 17, gav. 34, proc. 28.

³⁰ No fim do ano, a chácara é oferecida para aluguel, com “excelente e espaçossíssima casa, com amplas dependências, oferecendo todas as comodidades para numerosa família e podendo igualmente ser utilizada para colégio ou hotel”. JORNAL DO COMMERCIO 12 dez 1876. De 1881 a 1884, a chácara, no n.º 32 da Estrada D. Castorina, é ocupada pelo Colégio São Luiz, quando volta a ser anunciada para aluguel.

³¹ Proclamação apresentada por D. Castorina Angélica de Oliveira Castro. Arquivo da Diretoria do Patrimônio Nacional. Ministério da Fazenda Assunto Castorina Angélica de Oliveira Castro arm. 17, gav. 34, proc. 28. 376.216, 5m2.

³² O Barão de Mauá passara, em 1865, sua pioneira empresa de gás para o capital inglês, que a transformou na Rio de Janeiro Gás Company Ltd, para atender cerca de 5.000 pontos de combustores na cidade; vinte anos depois, em 1885, a Societé Anonyme du Gaz assumiu o controle de fornecimento de gás à cidade.

D. Castorina acompanha o filho José, que erguera um amplo casarão térreo, em estilo neoclássico, na rua São Clemente no n.º 15 2A, para abrigar a família, então com cinco dos quatorze filhos que teria com a primeira esposa³³; o filho Antônio, esposa, e dois dos quatro filhos que teriam, se instalaram em casa frente à da mãe, enquanto que o marido da caçula Castorina, Manoel Moreira da Fonseca, iria requer aforamento de terreno próximo,³⁴ para morar com esposa e o único filho.

Albino e família se estabelecem ao fim da mesma rua, no Largo dos Leões 94AA. A casa integra o conjunto casas assobradas e térreas para aluguel que o Comendador Caetano José de Oliveira Roxo mandara construir em loteamento de antiga chácara na encosta do Corcovado, onde também ergueu sua grande casa e capela,³⁵ e que ofereciam, segundo anúncios³⁶, bons cômodos para família, além de água e gás.

Nesse período, o casal busca se integrar ao círculo social da corte. Albino ingressa no Conselho Deliberativo do Gabinete Português de Leitura, para a gestão do ano 1870–1871,³⁷ e Luiza, na Associação Promotora de Instrução de Meninas, que tinha como protetora Sua Majestade a Imperatriz, ao lado de destacadas personalidade da cidade.³⁸ Nos negócios, Albino obtém carta de matrícula do Tribunal do Comercio para o comércio de ferro³⁹, relativa à firma Oliveira Guimarães e Franco, contudo surge um contratempo, a disputa pela ocupação do edifício onde mantinha o armazém de ferro, que seu novo proprietário, o Deutsch Brazilianische Bank, queria livre para demolição.⁴⁰ Em 1874, ele compõe, junto com o amigo Eduardo Cardoso de Lemos, a

³³ Com a morte de Carlota, José casou-se, em 1888, com a também viúva D. Constança Cordeiro Torres e Alvim, com quem teve mais 4 filhos.

³⁴ DIÁRIO do Rio de Janeiro edição 28, ano 1874, 1 de março de 1877.

³⁵ Para a construção de sua casa, o comendador Roxo trocara parte de seu terreno por outra, de área pública, e se comprometera a erguer casas simétricas ao redor da sua. Contudo, sua intenção de implantar um jardim em frente às casas deu origem a litígio com os proprietários da chácara em frente, os herdeiros do Joaquim Batista Marques de Leão. JORNAL DO COMMERCIO, 28 de novembro de 1863.

³⁶ JORNAL DO COMMERCIO 26 janeiro de 1871, 29 janeiro de 1871, 23 junho de 1871.

³⁷ DIARIO DO RIO DE JANEIRO 28 de março 1870.

³⁸ A Associação reúne a elite feminina da corte distribuída em diferentes cargos: na direção, estavam D. Isabel Tosta Duque Estrada Teixeira, D. Amélia Cavalcanti de Albuquerque, e Constança Alvim Correa; entre as sócias remidas, estão Sua Alteza a Sereníssima Princesa Imperial D. Isabel, condessa d'Eu, a Condessa de Barral, viscondessa de Tocantins, baronesa de São Clemente, viscondessa do Itamaraty, entre outras, e entre as sócias contribuintes, Luiza Constança Alvim Correa, e participam de comissões paroquiais personalidades como a baronesa da Lagoa. DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO 26 de maio de 1875.

³⁹ A NAÇÃO 23 abr. 1873.

⁴⁰ ARQUIVO NACIONAL, Relação do Rio de Janeiro, 1873, no. 3946, Cx 1641, Gal A.

diretoria da Companhia Salubridade, de barca para banhos, da qual se demitiriam no ano seguinte.⁴¹

Em 1875, Albino está de novo engajado em levantar fundos para o hospital de Fafe, quando promove, a frente de uma comissão de doze conterrâneos, uma sessão beneficente no dia 7 de abril de “O Guarany”, de Carlos Gomes, no Teatro Lírico Fluminense, que arrecadaria a expressiva quantia,⁴² no mês seguinte, nasce seu sexto filho, Firmina. Em meados do ano, Albino retorna à Fafe, com esposa e os filhos menores para visitar a mãe enferma que, contudo, morre antes de sua chegada.⁴³ Eles permaneceriam por dois anos em Portugal.

O país vive um período de estabilidade política proporcionado pelo governo regenerador, sob a presidência de Fontes, que vigorou 1871 a 1877, que buscou promover a criação do mercado nacional e o desenvolvimento do sector agrícola de exportação. Nesse processo, as disputas políticas se acirram e se polarizam, com reflexos em todo o país.⁴⁴

Albino pode acompanhar as disputas políticas em Fafe, onde os eleitores se dividiam entre fervorosos regeneradores, como comendador Vieira de Castro e o Visconde de Moreira de Rey, e progressistas, como o “brasileiro” José Florêncio Soares. Este havia se tornado o pioneiro da industrialização na vila com a fundação da Fábrica do Bugio. Durante esta estada, nasceu Álvaro, o oitavo e último filho de Albino e Luiza, que morreria em seguida.

Em abril de 1877, Albino retornou ao Rio de Janeiro com a esposa, filhos e uma criada⁴⁵, para se reunir aos filhos mais velhos. Ele procura casa para acomodar os diferentes interesses e necessidades da prole. Os mais velhos Antônio, então com 20 anos, Castorina, com 17 anos, e Albino, com 16 anos, eram jovens em fase de desenvolvimento pessoal e interação social, precisando de espaços de estudo e convívio, enquanto que os quatro menores – José, com 13 anos, Luiza, com 12 anos, Maria, com nove anos e a pequena Firmina, com quatro anos –, precisavam de espaços para brincadeiras e estudos dentro dos muros.

A solução veio por intermédio um amigo da família Oliveira Guimarães, o comerciante Bernardo de Oliveira Guimarães, barão da Lagoa, que

⁴¹ O GLOBO 20 setembro de 1874, O GLOBO 22 abr 1875.

⁴² ARQUIVO da Santa Casa da Misericórdia de Fafe. Cópia de ofício de José Soares Leite, 6 de setembro de 1875 apud BASTOS, Daniel. *Santa Casa da Misericórdia de Fafe – 150 anos ao Serviço da Comunidade*. Fafe: Santa Casa da Misericórdia de Fafe, 2012, p. 60.

⁴³ D. Maria Joaquina da Silva (1800–1875) morreu em 27 de julho de 1875.

⁴⁴ Os grupos políticos se articularam entre os regeneradores, no poder, que mobilizaram os avilistas e constituintes e os históricos, na oposição, que agregaram os reformistas.

⁴⁵ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1 abril 1877.

deseja vender sua ampla propriedade na rua São Clemente, então em precário estado de conservação. O negócio compreende um grande sobrado, erguido em 1850, com ornamentos neoclássicos na fachada principal, composto por dois blocos interligados por passadiço, em meio a terreno com jardim, quintal, horta e pomar, e grande parreiral, além de telheiro, banheiro e galinheiro.

As generosas condições para acomodação da família, em casa que remetida à imponência da Casa do Santo Novo, de Fafe, e a facilidade de meios que sua firma de material de construção lhe proporcionava, entusiasmaram Albino a iniciar as obras já em agosto de 1878, seis meses antes de firmar o contrato definitivo. A morte de D. Castorina, a 1º de janeiro de 1879, na impede que o contrato seja assinado no dia 10 daquele mês, no valor de 60 contos de réis.⁴⁶

A reforma, na qual seriam investidos “mais de 100:000\$”⁴⁷ lançou mão dos elementos da nova tecnologia construtiva, em ferro fundido, oferecidos na forma de grades, portas, colunas, escadas, chafarizes, entre outros artefatos. A frente do palacete recebeu uma varanda engastada, acessada por escada com dois lances distintos, guarnecidas nas laterais por gradil em ferro trabalhado, e ladeada por duas estátuas de leões, em ferro fundido, da Fundação Val d’Osne, sobre base de pedra. Enquanto a fachada posterior, que se articulava com o passadiço, também recebeu varanda engastada, com uma única escada, guarnecida na lateral por gradil de ferro trabalho, para permitir circulação entre a sala de jantar e o jardim.⁴⁸

O alto das portadas de cantaria das nove janelas e portas da fachada principal foram guarnecidas de ornamentos de estuque, de feição rococó, enquanto a face do frontão⁴⁹ recebe aplicação arabesco, em estuque, tendo ao centro uma esfera armilar, símbolo nacional resgatado pelo romantismo lusitano.⁵⁰ Quatro estátuas de cimento, representando os continentes, ornaram os extremos dos telhados.

⁴⁶ CERTIDÃO da escritura às f. 29 e 28v, livro n.º 242, 2.º Ofício de Notas. 6f, de 10 de janeiro de 1879. Arquivo Nacional. Seção do Poder Judiciário. Arquivo Histórico Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁴⁷ O PAIZ, 1886d.

⁴⁸ Essa varanda é sustentada por colunetas de ferro fundido, cuja cobertura é arrematada por lambrequim metálico, de elaborado rendilhado, elemento que se repetiria no arremate da cobertura central do edifício da cavalaria, erguido ao fundo do terreno.

⁴⁹ Segundo a arquiteta Claudia Carvalho, da FCRB, após análise da estrutura do telhado da casa, teria havido também alteração no frontão da fachada principal, cujo vértice central teria sido elevado.

⁵⁰ Esse elemento, que ainda estava em destaque no frontão durante a ocupação de Rui Barbosa, como se percebe nas fotografias da década de 1920, seria dissimulado pelas intervenções do Iphan e sucessivas ações de preservação imóvel.

Os interiores são ocupados com variada e exuberante mobília de madeira nobre,⁵¹ pianos, conjunto de bilhar em peroba, objetos decorativos, e uma extensa coleção de quadros.⁵² A pinacoteca, com mais de 100 quadros, recebeu comentário na prestigiosa coluna do cronista França Junior, que a considerou a mais importante coleção particular de que tivera notícia,⁵³ e destacava pintores e quadros que estariam expostos em seus salões: “Palizze, Gudin, duas primorosas paisagens de Silva Porto, animais do famoso de Anunciação, dois quadrinhos do velho Bordallo Pinheiro, aquarelas de Cicery, estudos de Vinet, o paisagista que tão soube compreender a nossa natureza, e muitas outras preciosidades”.⁵⁴

Em complemento, havia objetos de luxo, como jarrões e vasos da China e Japão, estatuetas e grupos de porcelana *biscuit*, estátuas de bronze, e objetos de serviço em cristal, porcelana e prata, e peças de *nickel* e *electroplate*.⁵⁵

Grandes intervenções foram também realizadas na área externa, onde se adotou o gosto do jardim romântico, com recurso de artefatos, como cascatas e rochedos, pontes e quiosque, e o coleção de plantas e pássaros raros, com vasos e canteiros com grande variedade de plantas ornamentais e viveiro com pássaros de diferentes procedências. A infraestrutura hidráulica também foi modernizada e reforçada, com o apoio de novas penas d'água⁵⁶, para que a propriedade pudesse dispor de farto abastecimento de água para suprir não só de cascatas e lagos do jardim, como os “tanques de cantaria para lavar, banheiros esplendidos com duchas”⁵⁷.

⁵¹ Havia móveis de *palissandre*, embutidas de *bois-rose*, dunquerque marchetados de madreperola, espelhos com molduras douradas, mobílias de mogno guarneçadas de pau-cetim, de carvalho maciço, estilo do primeiro império, de canela preta para o salão de jantar, de peroba e vinhático para salão de almoço e para quartos, que eram revestidos por cortina com ricas guarnições.

⁵² É possível se considerar que a transação da propriedade entre o barão e o comendador tenha envolvido também mobília e objetos decorativos, já que o barão da Lagoa se transferiu, em seguida, para um modesto sobrado na rua Assunção. PESSOA DOS SANTOS, Ana Maria “De caixeiro a barão: trajetória de um comerciante português no Rio de Janeiro oitocentista”. In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: v. 5, p. 97-112, 2011, p. 21.

⁵³ FRANÇA JUNIOR, Joaquim José de França. “Pintura”. In O PAIZ, 22 de março de 1886.

⁵⁴ Idem. Sobre a coleção, ver PESSOA, Ana. A casa do comendador Albino de Oliveira Guimarães, no Rio de Janeiro. *Museu*, vol. 4, p. 47-67, 2014.

⁵⁵ O PAIZ, 25 de março de 1886.

⁵⁶ *A Gazeta de Notícias* cita o comendador dentre os solicitantes de pena d'água nas seguintes edições 21/06/1880; 26/02/1881 e 19/03/1882.

⁵⁷ O PAIZ, 25 de março de 1886.



Fig. 6 - Varanda engasta na fachada frontal.



Fig. 7 - Varanda engastada na face posterior.



Fig. 8 - Frontão, ladeado por estátuas, e decorado com esfera armilar ao centro. Arquivo FCRB.



Fig. 9 - Adornos em estuque sobre as vergas das janelas. Arquivo FCRB.

Apesar do seu empenho e investimento, Albino autoriza, em março 1886, leilão da propriedade, envolvendo o terreno, a casa e de todos os seus bens,⁵⁸ quando parte com esposa e as filhas para Portugal, deixando os seus interesses comerciais aos cuidados dos filhos.

A saúde das filhas é uma das justificativas públicas para a viagem, ainda que haja rumores sobre suas reais razões no meio comercial, o que pode ser apreendido nas entrelinhas do solidário comentário em *O País*:

Segue amanhã para a Europa, a bordo do parquet Tagus, o Sr. Comendador Albino de Oliveira Guimaraes, capitalista e comerciante desta praça geralmente estimado pelas excelentes qualidades do seu caráter.

Desejando-lhe prospera viagem, fazemos votos para vê-lo brevemente restituído à partira que adotou e à qual se acha

⁵⁸ O PAIZ 24 de março de 1886, 25 de março de 1886.

vinculado pela família, pelas amizades que o rodeiam e pela fortuna adquirida nobremente.⁵⁹

A verdadeira razão da partida teria sido a falência da firma constituída por Henrique Ribeiro Gonçalves Braga, João Pinto Ferreira Leite e António Monteiro Salazar, para o negócio de fabrico de chapéus, constituída em 1876, da qual era avalista.⁶⁰

No seu retorno à Fafe, ele já encontra a vila com a sua nova feição, conforme auspicioso comentário de *Minho Pitoresco*, em 1886.

“vai em uma fase crescente de prosperidade a velha Fafe e que o elixir da fortuna a remoça deveras: as construções particulares ai estão na sua abundancia para o comprovar, tanto mais que em muitas se lê o sorriso da abastança alegre, que deve animar a fisionomia dos seus proprietários”.⁶¹



Fig. 10 – O centro de Fafe, início séc. XX.

O novo casario era formado por casas tanto altas e esguias, como largas e baixas, erguidas com dois pisos, rés-do-chão e andar nobre, ou três pisos, que tinham em comum o alinhamento à rua e extensos jardins aos fundos. Algumas foram revestidas de azulejos e decoradas platibandas, e exibiam vistosas claraboias, outras eram mais discretas, em fachadas em cal e arremates em cantaria. Nos interiores, requintada decoração, com tetos estucados e madeiras nobres nas escadas, e selecionados recheios, com móveis, quadros e porcelanas.

⁵⁹ O PAIZ 23 março 1886.

⁶⁰ Albino era fiador de Henrique Gonçalves Ferreira Braga na empresa que estabelecera com João Pinto Ferreira Leite, a Gonçalves Braga & Cia, para fabricação de chapéus, que falira em condições duvidosas. A quitação dessa dívida seria realizada em 1904. Fundo/coleção: 5º Ofício de Notas do RJ / Notação: Livro 716, fls. 59 e 59v / Microfilme: 010.105-79, digitalizado, pdfs 381 e 382. GAZETA JURÍDICA, Revista Mensal de Doutrina, Jurisprudência e Legislação. Janeiro a Março de 1887, p. 258-266.

⁶¹ VIEIRA, José Augusto. *O Minho Pitoresco*. Livraria António Maria Pereira – Editor, Lisboa, 1886, tomo I. apud <<http://hemerotecafafe.blogspot.pt/2016/02/o-minho-pittoresco-fafe.html>>

Albino manteve o antigo sobrado materno, mas preferiu se instalar com a família nos arredores da vila, na ampla Casa da Macieira, em Pardelhas, herança da família Oliveira e Castro. A propriedade guardava ainda traços de “antigo edifício residencial agrícola ou casal medieval e senhorio de uma grande propriedade agrícola, e símbolo de uma família “terra-tenente” do século XVII e XVIII”.⁶²

Nessa nova etapa de sua vida, ele iria se dedicar às suas propriedades agrícolas, tornando-se um grande proprietário rural, reunindo cerca de 18 propriedades,⁶³ em Freitas, na Ranha e Pardelhas, Fafe; em Quinchães e em São Romão de Arões, onde adquiriu a casa e Quinta da Arrochela, propriedade do sec. XVII, que pertenceu ao morgado de Arrochela, governador de Braga no século XIX. Ele gozaria temporadas de recreio na Serra do Geres e na praia de Vila do Conde, no verão e em Lisboa, no inverno, onde se hospedava no hotel Borges, no Chiado, e frequentava a temporada teatral.

O comendador participou também de ações filantrópicas, junto ao Hospital da Misericórdia e Asilo da Infância Desvalida, como a construção da Igreja Nova de São José. E colaborou para a viabilização do projeto de Jardim e Passeio Público que seu amigo Jose Florêncio Soares apresentou quando na presidência da Câmara, no período de 1887, a 1889, quando promoveu “muitos melhoramentos públicos, com a abertura de novas ruas, encanamento de águas potáveis, embelezamento da Vila”⁶⁴. Em 1892, o comendador Albino ofereceu-se para patrocinar o muro norte do jardim,⁶⁵ o que permitiria a inauguração do Jardim do Calvário ainda naquele ano, dando a Fafe um jardim público com traços românticos, a exemplo das que estavam sendo implantadas em outras vilas de Portugal.

Ele retornaria ao Brasil em 1890, quando o palacete foi finalmente vendido ao comerciante inglês John Roscoe Allen⁶⁶, e trazer a filha Luiza

⁶² MONTEIRO, Miguel. O comendador Albino de Oliveira Guimarães: Uma personagem influente na comunidade portuguesa do Rio e um construtor da modernidade na cidade de Fafe. *Anais do I Encontro Luso-Brasileiro de Museus-Casas*, 2006. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010, 272p.

⁶³ Segundo documentação da coleção Luiza Campos de Carvalho, o espólio do comendador continha dezoito quintas, avaliadas em 1.240.980\$00.

⁶⁴ POVO DE FAFE Cultural, 25 fevereiro de 2003.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Certidão datada de 23/10/1961 da escritura de compra e venda do prédio e chácara à rua São Clemente 98 vendido pelo comendador Albino de Oliveira Guimarães e sua esposa ao senhor John Roscoe Allen em 12/05/1890. Arquivo FCRB.

em busca de cura para a sua tuberculose. Ela, no entanto, morreria no Rio de Janeiro em junho de 1891⁶⁷.

Em Fafe, ele seria um entusiasta da linha de ferro, e participa da comissão organizadora das festividades da chegada da linha à Fafe, e adquire terreno na Avenida da Estação, recém-aberta para ligar a estação de trem ao centro, onde iria construir “o mais moderno e o mais luxuoso palacete desta vila”,⁶⁸ inaugurando a fase dos palacetes da vila.⁶⁹ Ele, enfim, iria construir sua casa em Fafe, e para isso contratou arquiteto para projetar suas necessidades e desejos, conforme conjunto de pranchas denominado “Projeto de casa a construir na vila de Fafe para o sr. comendador Albino de Oliveira Guimarães”, contendo plantas baixas, cortes e fachadas.



Fig. 12 – Projeto fachada da casa do comendador.

⁶⁷ Agradecimentos Albino de Oliveira Guimarães e sua família, gratos em extremo a a todos os seus parentes e pessoas de sua amizade, que tanta solicitude e interesse lhes manifestarão durante a dolorosa enfermidade que tão prematuramente roubou a preciosa existência de sua prezada filha Luiza, e que após o seu inesperado falecimento se dignaram a acompanhar o féretro a sua última moradia, a todos vem por este meio testemunhar sua eterna gratidão. JORNAL DO COMERCIO. 14 jun 1891.

⁶⁸ “Albino d’ Oliveira Guimaraes”, *O Desforço*. 12 março 1908.

⁶⁹ Dessa nova corrente, destacam-se os palacetes de João Alves de Freitas e Soledade Summavielle, que trazem o estilo chalet com arremates art-nouveau.

Situado em centro de terreno, com fachada principal voltada para a rua 5 de Outubro, o palacete teria três andares, e dois corpos, o social e de serviço, interligados. Com linhas inspiradas no *cottage* inglês, com parede em pedra e forte presença de elementos de ferro trabalhado nas escadas, grades e lambrequim. Segundo o projeto, no andar térreo, haveria cinco quartos, escritório, com cofre, sala de bilhar, e duas salas; no andar nobre, com 4.20 m de altura, as salas de visita, de espera e de jantar, quarto quartos, duas salas de dormir, sala de banho e wc, varanda, área para brunir, e na mansarda, o roupeiro, três quartos ou arrumação, e wc. Em um corpo anexo, cômodo para lavadeira, no térreo, e para a copa e cozinha, no rés-do-chão, e wc. O rez do chão seria acessado por duas escadas externas de serviço; com entrada pela fachada lateral, uma escada interna, iluminada por vitral, fazia a circulação vertical entre os três pisos, e uma escada, dupla, na fachada principal, dava acesso ao andar nobre. O projeto destinava, ainda, áreas para celeiro e casa de lenha, criação de animais – galinheiro, coelheiro e pombal, pomar e hortas.

O sonho do palacete seria, contudo, interrompido com a morte do comendador.⁷⁰ O terreno seria ocupado por sobrado muito mais simples e austero, hoje bastante alterado para atender a serviços burocráticos.

A perda do comendador, a 6 de março de 1908, foi noticiada com pesar pelos dois jornais rivais, *O povo de Fafe* – semanário regenerador e *O desforço* – semanário republicano. Ambos enalteceram sua trajetória de emigrante, sua atuação benemérita e seu temperamento intenso e generoso. “Amigo de tudo que fosse engrandecimento, progresso, a sua bolsa jamais se fecharia para dar, para emprestar... Amava o trabalho e era amigo dos que trabalhavam”⁷¹ comenta *O Desforço*.

“Sociedades, casas dos amigos e muitos estabelecimentos da vila fecharam meia porta em sinal de tristeza”.⁷² O seu traslado fúnebre, muito concorrido, foi realizado na carreta do corpo de bombeiros, e reuniu as mais importantes personalidades da localidade.

Como “torna-viagem”, Albino circulou entre a Europa e América, mantendo-se sempre, em seus vínculos sociais e comerciais, no ambiente português. Nessa circulação, experimentou diferentes ambientes domésticos, adquiriu modos e hábitos, e acompanhou as mudanças tecnológicas e de gosto do morar. Presenciou o crescimento

⁷⁰ Segundo *O Desforço*, o comendador, que gozava de plena saúde aos seus setenta e cinco anos, mas há meses havia sido acometido de uma doença que, apesar de duas operações, não foi curada. *O Desforço* 12 março 1908.

⁷¹ *Idem*.

⁷² *O Desforço* 12 março 1908.

urbano de cidades como o Rio de Janeiro, Lisboa e Porto, e o progresso de sua vila natal.

Nascido em meio a rusticidade da vida rural, sua partida para o Rio de Janeiro permitiu que Albino vivenciasse diversas modalidades de habitar, como o despojado alojamento de caixeiro, a bucólica e austera casa da chácara agrícola do clã Oliveira Castro, o conforto urbano da casa de aluguel do Humaitá, e a ampla propriedade da rua São Clemente, que reformou para lhe imprimir um modo de bem viver a seu gosto, com espaço, conforto e elegância.

No seu retorno a Fafe, buscou o ambiente rural, modernizando a casa da ancestral quinta dos Oliveira Castro, a Macieira, para atualizar suas disposições ao gosto e hábitos higiênicos adquiridos. Ele, porém, não abandonou seu desejo retornar ao centro urbano em grande estilo, a semelhança do palacete perdido, desta feita com um lar projetado a seu gosto, na nova avenida de sua progressista vila natal, sonho que não veria realizado.

Ana Maria Pessoa dos Santos [Ana Pessoa] – Arquiteta, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, doutora pela mesma faculdade, com a tese Cartas do sobrado, em 2000. Iniciou sua trajetória profissional na Cinemateca do MAM, em 1976; em seguida, ocupou cargos gerenciais em instituições governamentais Embrafilme, Fundação do Cinema Brasileiro, Instituto Brasileiro de Arte e Cultura e Funarte onde coordenou inúmeros projetos de pesquisa, preservação, edições de livros e catálogos, exposições, cursos, seminários e mostras nas áreas de cinema e artes cênicas. A partir de 1996, passou a integrar o quadro de pesquisadores da Casa de Rui Barbosa onde assumiu a diretoria do Centro de Memória e Informação, no período de 2003 a 2015. Tem trabalhos, artigos e livros publicados. Como pesquisadora desenvolve a linha Formas de morar e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista. Foi líder, de 2008 a 2016, do grupo de pesquisa Museu-casa: memória, espaço e representações e, a partir de 2014, do grupo Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio, com a Profa. Ana Lúcia Vieira dos Santos e, a partir de 2016, do grupo O gosto neoclássico, com a Profa. Margareth da Silva Pereira.